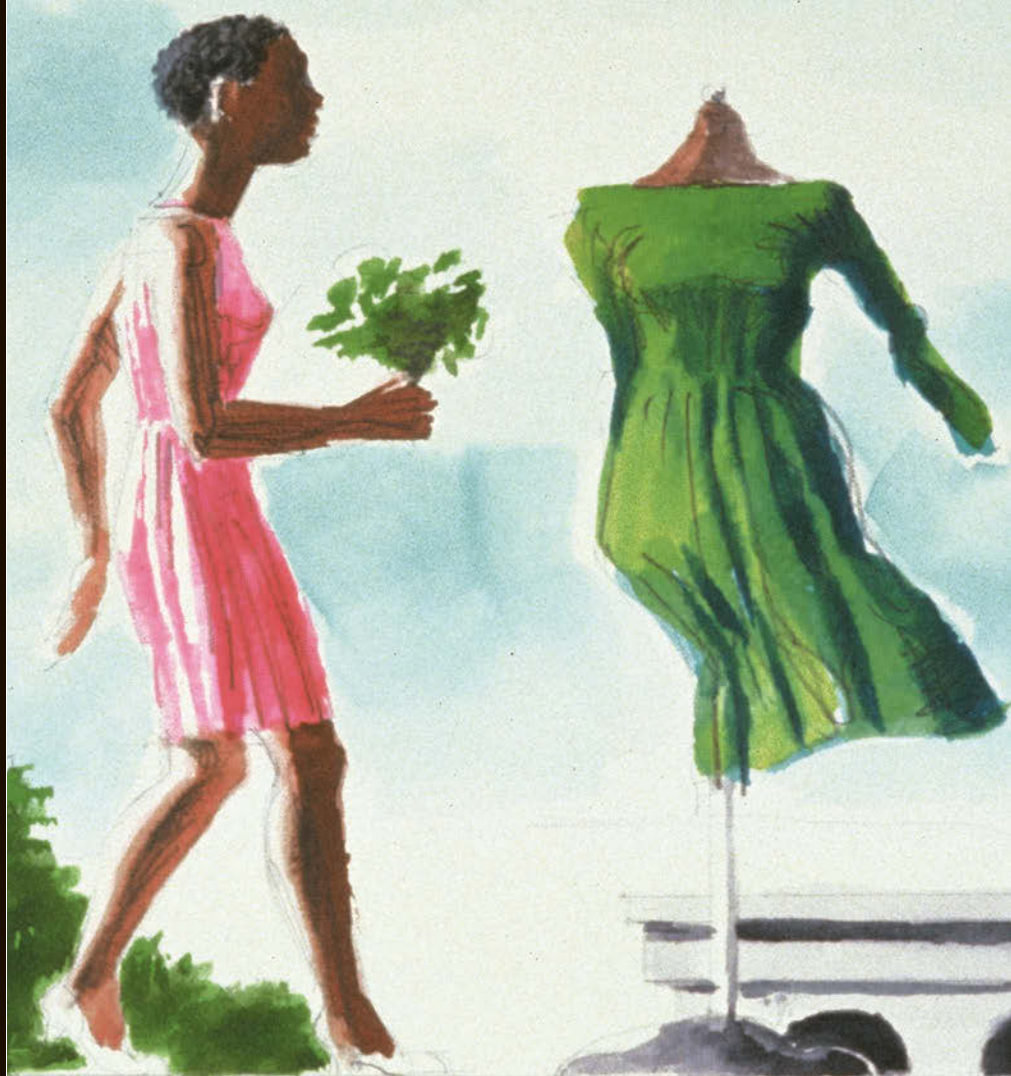


Jamaica Kincaid

Autobiografia da minha mãe



Tradução de Alda Rodrigues

A minha mãe morreu no momento em que nasci e, por isso, em toda a minha vida, nunca houve nada entre mim e a eternidade; senti sempre um vento sombrio e negro nas costas. No início da vida, não podia saber que seria assim; só a meio compreendi, precisamente quando, já não sendo jovem, se tornou claro que tinha cada vez menos coisas das que antes tivera em abundância e mais daquelas que antes me faltavam. Esta percepção de perdas e ganhos obrigou-me a olhar para trás e para a frente; no meu início, estava esta mulher com um rosto que nunca vi; no meu fim, contudo, não havia nada nem ninguém entre mim e as trevas do mundo. Acabei por sentir que tinha passado a vida toda na beira de um precipício e que a perda da minha mãe me tinha tornado vulnerável, dura e indefesa; ao compreender, fui invadida por tristeza, vergonha e pena de mim mesma.

Quando a minha mãe morreu, deixando-me pequenina e vulnerável a tudo o que havia no mundo, o meu pai pegou em mim e entregou-me aos cuidados da mesma mulher a quem pagava para lavar a roupa. É possível que tenha chamado a atenção para a diferença entre as duas

trouxas: uma era a filha — apesar de ele ter outros filhos, com a única mulher com quem se casara até então só tivera esta; a outra era a roupa suja. Deve ter transportado uma com mais cuidado do que a outra, deve ter dado instruções mais cuidadosas em relação a uma do que à outra, mas não sei dizer qual teria considerado mais importante, porque era um homem muito vaidoso; a aparência contava muito para ele. Que fui um estorvo, sei bem; que a roupa suja era um estorvo, também sei; que ele não sabia cuidar sozinho nem de mim da sua própria roupa, também.

Morara com a minha mãe numa casa muito pequena. Era pobre, mas não por ser boa pessoa: ainda não tinha praticado más ações suficientes para enriquecer. Esta casa ficava num monte, que ele desceu, com a filha numa mão e a roupa na outra, para as entregar — trouxa e criança — a uma mulher. Não era parente dele nem da minha mãe; chamava-se Eunice Paul e já tinha seis filhos, o último dos quais ainda bebê. Por isso, tinha leite no peito para mim, mas, como este me deixava um travo azedo na boca, eu recusava-me a beber. Ela vivia numa casa longe das outras, com uma vista ampla para o mar e para as montanhas; quando eu estava birrenta e inconsolável, ela apoiava-me num monte de farrapos à sombra de uma árvore; vendo aquele mar e aquelas montanhas, tão impiedosos, eu chorava até ficar sem forças.

Ma Eunice não era má pessoa: tratava-me exatamente do mesmo modo como tratava os filhos — note-se, no entanto, que isto não quer dizer que tratava bem os filhos. Num lugar assim, não só a violência é a única herança verdadeira como, às vezes, a crueldade é a única coisa que se obtém de graça. Eu não gostava dela e sentia falta do rosto que nunca tinha visto; espreitava por cima do ombro

para ver se vinha alguém, como se estivesse à espera de que alguém aparecesse, e Ma Eunice perguntava-me o que procurava, inicialmente na brincadeira, mas depois, como não perdi este hábito, começou a achar que eu via espíritos. Eu não via espíritos nenhuns; limitava-me a procurar o tal rosto, o rosto que nunca haveria de ver, mesmo se vivesse para sempre.

Nunca simpatizei com a mulher a quem o meu pai me entregou, esta mulher que não me tratava mal, mas que não podia ser carinhosa, por não saber como era o carinho — e é possível que eu embirrasse com ela por eu própria também não saber. Quando me recusava a beber o seu leite, antes de ter dentes, ela dava-me comida passada por uma peneira; quando me nasceram os dentes, a primeira coisa que fiz foi morder-lhe a mão enquanto me dava de comer. Nessa altura, deixou escapar um ruídozinho pela boca, mais de surpresa do que de dor, e, quando percebeu o que tinha acontecido — foi o meu primeiro ato de ingratidão —, ficou de sobreaviso durante o resto do tempo em que convivemos.

Só aos quatro anos comecei a falar. Ninguém perdeu um minuto de felicidade por causa disto; de qualquer modo, não existia ninguém para quem eu pudesse ser motivo de preocupação. Eu sabia falar, mas não queria. Via o meu pai de quinze em quinze dias, quando ele vinha buscar a roupa lavada. Nunca pensei que viesse visitar-me; achava que vinha só recolher a roupa. Quando aparecia, entregavam-me a ele, que me perguntava como estava, mas não passava de uma formalidade: não me tocava nem olhava nos olhos. O que haveria para ver nos meus olhos? Eunice lavava, passava a ferro e dobrava-lhe a roupa; embrulhava-a em duas peças de tecido nanquim

limpo, como a um presente, e deixava o embrulho em cima da mesa, a única mesa da casa, onde o embrulho ficava, até o meu pai aparecer para o levar. Ele aparecia assiduamente; por isso, num dia em que não apareceu como habitualmente, reparei. Perguntei: «Onde está o meu pai?»

Falei em inglês — não em patoá francês ou inglês, mas em inglês puro e simples —, o que deve ter surpreendido: não o facto de eu falar, mas sim de o fazer em inglês, uma língua que eu nunca ouvira a ninguém. Ma Eunice e os filhos falavam na língua de Dominica, que é o patoá francês, e o meu pai, comigo, também usava essa língua, não em sinal de desrespeito, mas por pensar que eu não o compreenderia se falasse noutra. Ninguém reparou, no entanto; só ficaram admirados por eu finalmente dizer alguma coisa e por ter perguntado onde o meu pai estava. O facto de as minhas primeiras palavras terem sido na língua de um povo de que nunca gostaria ou que nunca viria a amar já não é um mistério para mim; tudo aquilo a que estou inextricavelmente ligada na vida, tanto o bom como o mau, é uma fonte de sofrimento.

Na altura, tinha quatro anos e via o mundo como uma série de suaves linhas unidas, um esboço a carvão; por isso, quando o meu pai aparecia para levar a roupa, descortinava apenas que ele aparecia de repente no trilho que vinha da estrada principal até à porta da casa em que eu vivia e, depois de cumprir a missão, desaparecia, virando para a estrada no ponto em que esta se encontrava com o trilho. Eu não sabia o que havia para lá do trilho, não sabia se, depois de desaparecer da minha vista, ele continuaria a ser meu pai ou se dissolveria em algo completamente diferente, que me impediria de o voltar a ver na forma do meu pai. Não me teria parecido estranho. Teria

acreditado que o mundo funciona assim. Eu não falava nem queria falar.

Um dia, sem querer, parti um prato, o único prato assim que Eunice alguma vez tivera, um prato de porcelana de ossos, mas a palavra «desculpa» não saiu da minha boca. A tristeza que esta perda lhe causou fascinou-me; foi uma mágoa tão densa, tão avassaladora, tão profunda, como se lhe tivesse morrido um ente querido. Levou a mão à barriga gorda, puxou os cabelos, deu pancadas no peito; dos seus olhos, saíram lágrimas grossas que lhe correram pelas faces em tal profusão, que, se tivesse brotado uma nova fonte de água, como nos mitos ou contos de fadas, a pequenina que eu era não teria ficado surpreendida. Eunice recomendara-me várias vezes que não tocasse no prato, porque me vira a olhar para ele com uma curiosidade obsessiva. Olhando para o prato, eu matutava na imagem que tinha pintada, uma paisagem com um campo amplo, repleto de ervas e flores com as mais doces tonalidades de amarelo, rosa, azul e verde; no céu, brilhava um sol, mas sem ser demasiado luminoso; as nuvens eram leves, distribuindo-se como enfeites, não cerradas e aglomeradas, sem pressagiarem desgraças. Apesar de não passar da imagem de um campo cheio de ervas e flores num dia de sol, tinha uma atmosfera de secreta abundância, felicidade e tranquilidade; por baixo, havia uma só palavra, em letras douradas: PARAÍSO. Claro que estava longe de ser uma imagem do Paraíso; era uma imagem idealizada do campo inglês, mas eu não sabia; desconhecia a existência do campo inglês. E Eunice também; acreditava mesmo que era uma imagem do Paraíso, com a secreta promessa de uma vida sem preocupações, problemas ou carências.

Quando parti o prato de porcelana com esta imagem, fazendo Ma Eunice chorar tanto, não me arrependi logo, nem pouco tempo a seguir, só muito depois lamentei, quando já era demasiado tarde para lhe dizer, porque ela já tinha morrido; pode ser que ela tenha ido para o céu e que o Paraíso tenha cumprido a promessa do prato. Quando o parti e me recusei a pedir desculpa, ela amaldiçoou a minha falecida mãe, amaldiçoou o meu pai e amaldiçoou-me a mim. Usou palavras que não significavam nada; compreendi-as, mas não me magoaram, porque não gostava dela. E ela também não gostava de mim. Obrigou-me a ajoelhar num monte de pedras exposto ao sol durante todo o dia, e a levantar as mãos bem acima da cabeça, com uma pedra grande em cada mão. Mandou-me ficar nesta posição até eu pedir desculpa, mas recusei-me a pronunciar tais palavras, não podia. Não dependia da minha vontade: não me saíam da boca. Fiquei assim até ela se faltar de me amaldiçoar a mim e a todos os meus antepassados.

Porque terá este castigo deixado uma marca tão dura-doura, evocando de todos os modos a relação entre cap-tor e cativo, senhor e escravo, com a sua dicotomia entre pequeno e grande, poderoso e sem poder, forte e fraco, sobre um pano de fundo de terra, mar e céu, com Eunice olhando-me de cima e metamorfoseando-se numa série de criaturas furiosas e inumanas a cada sílaba que lhe saía da boca — de vestido de algodão fino e de má qualidade, com uma saia que não condizia com a cor e o estampado de corpete, de cabelo há vários meses por pentear e por lavar, embrulhado num farrapo velho que não lavava há mais tempo do que o cabelo? Quanto ao vestido, já fora novo e limpo, mas a sujidade envelhecera-o, conferindo-lhe novas tonalidades que antes não tinha, e acabaria

por o desintegrar completamente, embora ela não fosse uma mulher suja — todas as noites lavava os pés.

Foi num dia sem nuvens, não era a época das chuvas; alguns homens lançavam as redes ao mar, mas o dia estava tão límpido, que não iam apanhar muito peixe; enquanto estive ali ajoelhada, três dos filhos dela, que comiam pão, fizeram bolinhas com o miolo e dispararam-nas contra mim, troçando; não havia uma única nuvem no céu, nem uma brisa soprava; uma mosca voava de um lado para o outro, à frente da minha cara, às vezes pousando num canto da boca; um fruto da árvore-do-pão demasiado maduro tombou com um baque, como um murro desferido na zona macia e carnuda de um corpo. Tudo isto, tudo isto recordo — porque terá deixado uma impressão tão duradoura?

Enquanto estava ali ajoelhada, vi que três tartarugas terrestres entravam e saíam a rastejar do pequeno espaço por baixo da casa, e apaixonei-me por elas, desejei tê-las perto de mim, quis passar todos os dias da minha vida a falar com elas e com elas apenas. Muito depois de este suplício terminar — resolvendo-se de um modo que não agradou a Ma Eunice, porque não pedi desculpa —, peguei nestas três tartarugas e instalei-as numa área fechada onde, como não podiam entrar e sair à vontade, dependiam completamente de mim. Levava-lhes hortaliça e pequenas conchas com água. Achava-as lindas — as carapaças cinzento-escuras com leves círculos amarelos, os pescoços compridos, os olhos que não julgavam, a lenta deliberação com que rastejavam. Mas elas recolhiam à carapaça contra a minha vontade e, quando as chamava, recusavam-se a sair. Para lhes dar uma lição, fui buscar lama ao leito do rio, tapei o pequeno orifício por onde cada pescoço

emergia e deixei secar. Obstruí com pedras o sítio em que viviam, e passei vários dias sem pensar nelas. Quando me lembrei, fui ver o que se passava no sítio em que as tinha deixado. Por esta altura, já todas tinham morrido.

O meu pai queria que eu fosse para a escola. Era um desejo invulgar: as raparigas não frequentavam a escola, nenhuma das filhas de Ma Eunice estudava. Nunca saberei o que o levou a decidir assim. Só posso imaginar que ele tinha esse desejo para mim sem ter refletido muito sobre o assunto, porque, no fim de contas, de que me serviria estudar? Só posso dizer o que me faltava; só posso compará-lo com o que tinha e encontrar desconsolo na diferença. E contudo, e contudo... foi graças a isso que pela primeira vez pude ver o que estava para lá do caminho que conduzia para longe da minha casa. E lembro-me tão bem de sentir o tecido da saia e da blusa — áspero por ser novo —, da saia verde e da blusa bege, o uniforme, com cores e num estilo que imitavam as cores e o estilo de uma escola noutro lado, muito longe! Usava, além disso, um par de sapatos castanhos de tela grossa e meias castanhas de algodão que o meu pai me arranjava não sei onde. E dizer que não sabia de onde estas coisas vinham, dizer que me intrigavam, é o mesmo que dizer que foi a primeira vez que usei sapatos e meias, que fiquei com os pés inchados e a doer, que me apareceram bolhas na pele que rebentaram, mas fui obrigada a usar estas coisas até os pés se habituarem; e os pés — como eu — acabaram por aprender. Foi uma manhã como todas as outras, profunda de tão normal; nuns sítios estava sol, noutros não, e estas duas situações (sol e nuvens) ocupavam sem conflito diferentes zonas do céu; havia o verde das folhas,

o rubro desabrochar das flores das árvores vistosas, o fruto doentiamente amarelo do caju, o aroma a lima, o cheiro das amêndoas, o café no meu hálito, a saia de Eunice enfundando-se à frente da minha cara e a emanção dos odores que ela tinha entre as pernas, que nunca esquecerei — sempre que sinto o meu próprio cheiro recordo-me dela. Como a maré estava baixa, não se ouvia o som da água do rio a correr pelas pedras; a brisa suave e as folhas não sussurravam nas árvores.

Tive estas sensações de ver, cheirar e ouvir pelo caminho até à escola. Quando cheguei à estrada e pus nela os meus pés calçados, fi-lo pela primeira vez. Tive consciência disso. Era uma estrada com pedrinhas e terra batida bem compacta; cada passo que dava era desconfortável; o chão deslocava-se, os pés escorregavam para trás. A estrada estendia-se à minha frente e desaparecia após uma curva; continuámos a andar, em direção a essa curva e, quando lá chegámos, a curva revelou mais da mesma estrada e uma nova curva, a seguir. Chegámos à minha escola antes de a última curva terminar. Era um edifício pequeno, com uma porta e quatro janelas; tinha soalho de madeira; um pequeno réptil rastejava por uma viga no telhado; havia três carteiras compridas alinhadas umas atrás das outras; havia uma mesa de madeira grande e uma cadeira viradas para as três carteiras compridas; na parede, por trás da mesa de madeira e da cadeira, estava um mapa; por cima do mapa, viam-se as palavras «O IMPÉRIO BRITÂNICO». Foram as primeiras palavras que aprendi a ler.

Nessa sala, estavam sempre apenas rapazes; só quando era mais velha fui para uma sala de aula com outras meninas. Não tive medo nesta nova situação: na altura, não sabia sentir tal coisa, e agora também não. Nada temia

porque a minha mãe já tinha morrido e esse é o único verdadeiro medo que as crianças têm; a minha mãe morrera quando eu tinha nascido, e eu já tinha passado aqueles anos todos com Eunice, uma mulher que não era minha mãe e que não conseguia amar-me, e também sem o meu pai, sem saber quando voltaria a vê-lo; portanto, nesta situação não receava por mim. (E se não é verdade que não tenha sentido medo nesta altura, não foi a única vez em que não admiti a mim mesma que me se sentia vulnerável.)

Se agora falo sobre estes primeiros dias com lucidez e clarividência, não é uma invenção, não deve surpreender: na altura, todas as coisas que aconteciam ficavam gravadas na minha cabeça com uma nitidez que agora tomo como garantida; não tinham significado, não tinham contexto, eu ainda não conhecia a história dos acontecimentos, desconhecia os antecedentes. A minha professora tinha estudado com os missionários metodistas; era de origem africana, tanto quanto eu podia ver, e considerava isso uma fonte de humilhação e autoaversão; usava o desespero como uma peça de roupa, como um manto, ou um bordão, que lhe garantisse apoio constante, uma herança que queria legar-nos. Não gostava de nós; nós não gostávamos dela; não gostávamos uns dos outros nesta altura, e não gostámos nunca. Eram sete rapazes e eu. Também os rapazes tinham origem africana. A professora e estes rapazes miraram-me e remiraram-me: eu tinha sobrancelhas espessas; cabelo áspero, crespo e ondulado; olhos afastados um do outro, em forma de amêndoa; lábios carnudos, mas inesperadamente estreitos. Era de origem africana, mas não exclusivamente. A minha mãe era caribenha e, quando olhavam para mim, o que viam era isto: o povo caribenho fora derrotado e depois exterminado, erradicado

como ervas daninhas num jardim; o povo africano fora derrotado, mas sobrevivera. Quando olhavam para mim, não viam senão o povo caribenho. Enganavam-se, mas não lhes expliquei que estavam errados.

Nesta altura, comecei a falar abertamente — comigo mesma, muitas vezes; com os outros, apenas quando era absolutamente necessário. Na escola, falávamos inglês — inglês a sério, não patoá — e entre nós falávamos patoá francês, um dialeto considerado impróprio, que as pessoas de França não falavam e só com dificuldade compreendiam. Eu falava comigo mesma porque gostava do som da minha voz. Tinha uma doçura reconfortante para mim, suavizava-me a solidão, já que me sentia sozinha e ansiava por ver pessoas em cujos rostos reconhecesse algo de mim. Quem era eu, afinal? A minha mãe estava morta; há muito tempo não via o meu pai.

Muito depressa aprendi a ler e escrever. A minha memória, a minha capacidade de reter informação, de recordar o mais ínfimo dos pormenores, de relembrar quem disse o quê e quando, foi considerada invulgar, tão invulgar que a minha professora, que aprendera a pensar só em termos de bem e mal, e que se enganava sempre que avaliava essas coisas, concluiu que eu era má, que estava possuída — e, para confirmar que não podia haver dúvidas sobre isso, voltou a invocar a origem caribenha da minha mãe.

Nesta altura, o meu mundo — silencioso, suave e quase vegetal na sua vulnerabilidade, sujeito aos poderosos caprichos dos outros, diurno, começando com a pálida aparição da luz no horizonte de manhã e terminando com a investida súbita da escuridão ao princípio da noite — era tanto um mistério como uma fonte de enorme prazer para mim: eu admirava a superfície do céu cinzento, poroso,

granular e húmido, seguindo-me até à escola durante manhãs a fio, derramando sobre mim suaves flechas de água; a superfície do mesmo céu, mas num tom azul férreo e implacável, enquanto pano de fundo de um sol cruel; o calor agressivo que acabou por fazer parte de mim, como o meu sangue; as árvores altaneiras (algumas com pés já do tamanho de pequenos troncos) que cresciam sem comedimento, como se para a beleza só a altura importasse — para as distinguir entre si, bastava fechar os olhos e ouvir o som que as folhas faziam quando roçavam umas nas outras; adorava o momento em que as flores brancas dos cedros começavam a tombar, com um silêncio audível para mim, as pétalas a princípio ainda frescas, como um terno beijo de rosa e branco, mas no dia seguinte já pisadas, murchas e pardas, um desprazer para os olhos; e o rio que se transformara numa pequena lagoa quando, um dia, de moto próprio, mudara de rumo, e na margem do qual me sentava a observar as famílias dos pássaros, as rãs pondo ovos, o céu passando de negro a azul e de azul a negro, e a chuva a cair no mar para lá da lagoa, mas não na montanha para lá do mar. Neste sítio, comecei a sonhar com a minha mãe; tinha adormecido em cima das pedras sobre o chão em redor, o meu pequeno corpo afundava-se como se numa superfície de penas. Vi a minha mãe descer uma escada. Trazia um vestido branco comprido, cuja orla assentava logo acima dos calcanhares, a única parte do seu corpo que estava exposta, apenas os calcanhares; a minha mãe continuou a descer, mas nada mais dela alguma vez se revelou. Só os calcanhares e a orla do vestido. A princípio, desejei ver mais, mas depois fiquei contente por não enxergar mais do que os calcanhares a descenderem, em direção a mim. Quando acordei, tinha deixado de ser a criança

que fora antes de adormecer. Ansiava por ver o meu pai e desejava estar sempre com ele.

Num dia que, tanto quanto me lembro, não começou de forma especial, ensinaram-me os rudimentos da redação de cartas. Uma carta tem seis partes: o endereço do remetente, a data, o endereço do destinatário, a saudação, o corpo da carta, o fecho. Era sabido que uma pessoa na posição que se esperava que eu ocupasse — a de uma mulher, ainda por cima pobre — não teria necessidade de escrever cartas, mas a satisfação que toda a gente sentiu por me ensinar a fazer tal coisa, escrever uma carta, deve ter sido descomunal. Se me enganasse, batiam-me e repreendiam-me. Na altura, não fiquei zangada por ter de copiar as cartas de alguém com queixas, perceções ou alegrias desinteressantes para mim — era demasiado jovem para compreender que a vaidade podia ser uma arma tão perigosa como uma faca; isto só me deu vontade de escrever as minhas próprias cartas, cartas em que pudesse expressar os sentimentos que a minha própria vida, aos sete anos, me despertava. Comecei a escrever ao meu pai. Escrevi: «Meu querido Papá», com uma bonita caligrafia, cheia de floreados, uma caligrafia conquistada à custa de tarefas e repreensões. Disse ao meu pai que Eunice me tratava mal, tanto por meio de palavras como de ações, que sentia saudades e que gostava muito dele. Escrevi e voltei a escrever as mesmas coisas. Eram cartas sem pormenores. Não passavam dos gemidos de um animalzinho ferido: «Meu querido Papá, és a única pessoa que me resta no mundo, ninguém gosta de mim, só tu podes gostar, batem-me com palavras, batem-me com paus, batem-me com pedras. Só de ti gosto, só tu me podes salvar.» Na verdade, estas

palavras não se dirigiam ao meu pai, mas sim à pessoa de quem eu não tinha visto mais do que os calcanhares. Noite após noite, via-lhe os calcanhares, só os calcanhares descendo, vindo ao meu encontro, descendo para ficar comigo para sempre.

Escrevi estas cartas sem ter intenção de as enviar ao meu pai; não sabia como fazer para as enviar. Dobrei-as de um modo que, se as rasgassem, formariam oito pequenos quadrados. Isto não tinha qualquer significado misterioso; só as dobrei assim para caberem, sem ninguém ver, debaixo de uma pedra grande, logo depois do portão da escola. Todos os dias, quando saía, deixava por baixo da pedra uma carta para o meu pai. Escrevia estas cartas em segredo, durante o pequeno intervalo que nos concediam no recreio, ou nos tempos livres, depois de terminar as minhas tarefas, sem ninguém reparar. Fingindo-me profundamente concentrada no que achavam que eu estava a fazer, escrevia uma carta ao meu pai.

Estes insignificantes pedidos de ajuda não me traziam alívio instantâneo. Eu tinha consciência da minha infelicidade, mas não me ocorria que havia alívio para ela — que a vida podia ser diferente, que as circunstâncias poderiam mudar.

As minhas cartas deixaram de ser segredo. Um rapaz chamado Roman viu-me escondê-las no tal lugar secreto e foi lá buscá-las, sem eu saber. Era alguém sem empatia nem compaixão; fora aniquilado nele qualquer instinto para proteger os mais fracos. Levou as cartas à nossa professora. Nestas cartas que escrevi ao meu pai, eu declarava «Toda a gente me detesta, só tu gostas de mim», mas não pretendia realmente enviar-lhas; não era a ele que se dirigiam, na verdade; se na altura me perguntassem se realmente

sentia que toda a gente me detestava e que só o meu pai gostava de mim, não teria sabido responder. Contudo, a reação da professora àquelas missivas, àqueles rabiscos minúsculos, foi um tónico para mim. Concluiu que aquele «toda a gente» só a ela se aplicava. Disse que era mentira, que eram palavras difamatórias, que se envergonhava de mim, que não tinha medo de mim. Declarou tudo isto à frente dos outros alunos, na escola. Os meus colegas acharam que ela me tinha humilhado e rejubilaram por ela me rebaixar assim. Quanto a mim, não me senti nada humilhada. Alguma coisa senti, no entanto. Reparei que ela tinha os dentes tortos e amarelecidos, e perguntei-me como teriam ficado assim. No vestido dela, por baixo dos braços, viam-se grandes meias-luas de suor, e interroguei-me se, quando fosse mulher, também eu transpiraria tão profusamente e como seria o cheiro. Por trás dos ombros dela, na parede, estava uma enorme aranha-fêmea com um saco de ovos; tive vontade de estender a mão para a esmagar com a palma nua, desconfiando que devia ter sido uma aranha assim, ou aparentada, que me sugara a saliva do canto da boca na noite anterior, enquanto eu dormia, deixando três pequenas mordeduras dolorosas. Lá fora, choviscava; sobre o telhado de zinco, ouvia-se a chuva a tamborilar.

A professora enviou as cartas ao meu pai, para me mostrar que tinha a consciência limpa. Disse que eu tinha confundido as suas repreensões com expressões de ódio, que as fizera para o meu bem, e que isso mostrava que eu era culpada do pecado do orgulho. Acrescentou que esperava que eu aprendesse a distinguir entre estas duas coisas: amor e ódio. Até hoje, esforço-me por isso, mas sem conseguir, por tantas vezes amor e ódio

afivelarem o mesmo rosto. Quando ela disse isto, olhei-a de frente, para averiguar se realmente gostava de mim e se as suas palavras, que tantas vezes pareciam uma série de golpes agressivos, poderiam ser uma expressão de amor. Na altura, não encontrei amor no rosto dela — mas é possível que me tenha enganado; talvez fosse demasiado jovem para avaliar, demasiado jovem para saber.

Não reconheci imediatamente o que acontecera, o que tinha feito: por muito inconsciente ou gratuito que tenha sido esse ato, consegui, usando umas poucas palavras, mudar a minha situação, talvez até salvar a minha vida. Falar sobre a minha própria situação, comigo mesma ou com outros, passou a ser algo que desde então sempre fiz. Foi assim que adquiri uma autoconsciência tão profunda, que passei a interessar-me tanto pelas minhas próprias necessidades, que, ciente quer dos meus ressentimentos quer dos meus prazeres, me tornei tão determinada a concretizá-los. Graças a esta expressão infantil e imprecisa de dor, a minha vida mudou, e tive consciência disso.

O meu pai veio buscar-me, envergando a farda de carcereiro. Para ele, era uma coisa sem significado, não tinha importância. Regressara a Roseau vindo da aldeia de St. Joseph, onde trabalhava na polícia. Não me avisaram de que ele chegaria nesse dia; não contava com isso. Quando regressei da escola, vi-o à espera na última curva da estrada que conduzia à casa em que eu morava. Fiquei surpreendida quando o vi, mas só a mim mesma admitiria tal coisa; não deixei que ninguém percebesse. A razão para eu sentir tanto a falta do meu pai — a razão pela qual ele deixara de aparecer na casa em que eu morava, trazendo a roupa suja e levando a roupa lavada — era ele ter voltado a casar-se.

Uma orfandade precoce e o relato do amadurecimento de uma mulher caribenha, evocados pela pena de uma das mais aclamadas escritoras de língua inglesa das últimas décadas.

«Este é tanto um relato da vida da minha mãe como da minha própria vida; mas, mais do que isso, é também um relato da vida dos filhos que não tive e o relato que eles fariam da minha vida. Dentro de mim, tenho a voz que nunca ouvi, o rosto que nunca vi, o ser que me gerou. Dentro de mim, tenho as vozes que deviam ter nascido de mim, os rostos que não deixei que se formassem, os olhos que nunca permiti que me vissem. Este é um relato de uma pessoa a quem nunca foi permitido existir e da pessoa que não me permiti ser.»

No momento em que Xuela Richardson abria os olhos para o mundo, a mãe despedia-se dele. Aproximando-se do fim da própria vida, Xuela rememora sem tabus a infância na ilha de Dominica, marcada a ferros pela ausência da mãe, pelo abandono de quem deveria zelar por ela, pelo desajuste com a autoridade e a discriminação. É pela solidão arrebatadora, que a transforma numa mulher incapaz de amar: a família, os homens, os colonizadores, os poderosos, os filhos que decide não ter. A cada novo passo, o seu caminho entrelaça-se irremediavelmente com o da mãe.

Jamaica Kincaid, excelsa representante da literatura caribenha, traça com inebriante lirismo o retrato de uma vida ensombrada pelo «vento sombrio e negro» dos fantasmas.



**«Jamaica Kincaid brinda-nos com uma reflexão assombrosa
sobre a vida, escrita com a prosa mais bela que podemos encontrar
na literatura contemporânea.»**

The New York Times

**«Kincaid tem uma obra sólida sobre a relação entre autobiografia
e colonialismo, o feminino, o imaginário do Caribe.**

É um lamento, é raiva, e quase uma oração.»

ISABEL LUCAS, Ipsilon

«Uma prosa belíssima e absolutamente clara.»

JOSÉ MÁRIO SILVA, Expresso



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)

  [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-130-6



9 789895 891306